



RELATO DE EXPERIÊNCIA: COMO QUALIFICAR A AVALIAÇÃO NA PRÁTICA DO CURSO EAD: OFICINAS COMO PROPOSTA PARA A PRÁTICA DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

NEUZAREGINA DAS NEVES JANKE; NATÁLIA PINTO

RESUMO

Esse texto é um relato de experiência dos instrumentos utilizados para as avaliações da Disciplina de Oficina de Ensino de História do Brasil e América, no curso de Licenciatura de História à Distância, da Universidade Federal de Pelotas. Essa disciplina foi ministrada pela Professora Natália Pinto, no segundo semestre de 2024 para as turmas do oitavo semestre em onze polos atendidos pela referida Universidade no estado do Rio Grande do Sul e onde atuei como tutora à distância. Essa experiência mostrou possibilidades de qualificação do ensino à distância na proposta de uma avaliação participativa e emancipadora.

Palavras-chave: Educação; ensino à distância; avaliação

1 INTRODUÇÃO

A avaliação é sempre um processo difícil de realizar pois envolve o entendimento de conceitos básicos do processo ensino aprendizagem por parte do professor. Se no ensino presencial já é complicado na educação à distância ela se torna mais difícil ainda, pois não comporta apenas questionários e provas objetivas para avaliar o processo do aluno do EAD. Estudos sobre a avaliação em EAD, mostram o quão importante é termos consciência do significado de avaliar. Segundo Passamai (Passamai; 2019; p. 22):

“avaliar faz parte do nosso cotidiano, mas, ao ser colocado na relação professor e aluno, esse processo se torna assustador, dominador e antinatural. Por quê? Vejamos alguns pontos históricos que podem nos ajudar a entender melhor. Ao longo da história da educação, a avaliação tem sido associada a julgamento, controle, medida, disciplina, classificação, logo tem servido para discriminar, selecionar, premiar ou punir. Especialmente para aqueles que são diferentes, a avaliação quase sempre funciona eliminando, excluindo, fazendo calar. É lamentável que esses significados fossem impregnando nossa visão e nossas práticas. Daí ser importante analisarmos a questão de que, se vivemos num mundo classificatório, precisamos discutir a verdadeira intenção, sentido e função da avaliação. Cabe pensar: queremos classificar e excluir ou queremos qualificar, incluir e libertar? Não podemos esquecer que, como ato educativo, é importante pensar a avaliação como um ato político-pedagógico que contribua com um ensino e aprendizagem efetivos, críticos, integrados e criativos”.¹

O objetivo desse texto é relatar uma experiência sobre avaliação em uma disciplina do curso da Licenciatura de História em EAD, da Universidade Federal de Pelotas. Essa disciplina foi ministrada pela Professora Natália Pinto, no segundo semestre de 2024 para as turmas do oitavo semestre em onze polos atendidos pela referida Universidade no estado do Rio Grande do Sul e onde atuei como tutora à distância. Essa experiência mostrou possibilidades de

¹ PASSAMAI, Maria Hermínia Baião. Avaliação da Aprendizagem na Educação a Distância. UFES – Vitória; 2019. P. 33

qualificação do ensino à distância na proposta de uma avaliação participativa e emancipadora. Esses instrumentos de avaliação vêm corroborar a ideia de Passamai (Passamai, 2019; p 22) sobre uma avaliação que qualifique o processo de aprendizado e inclua o aluno nesse processo.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

A disciplina Oficina de Ensino de História do Brasil e América foi ministrada no segundo semestre do ano de 2024, pela plataforma do e aula do curso de Licenciatura em História à Distância na UFPEL, para alunos do oitavo semestre. Porém durante o processo de matrículas alguns alunos que cursavam o quinto semestre se matricularam, apesar de não terem os pré requisitos para disciplina. No plano de aula apresentado pela professora formadora Natália Pinto, foi apresentado os textos para estudos sobre História do Brasil e América, mas com um viés voltado para a proposta de como ministrar aulas sobre esses conteúdo. A ideia inicial seria aplicar nas escolas de acesso dos alunos, porém como o Rio Grande do Sul ainda se recuperava da enchente as aulas e atividades presenciais nos polos estavam suspensas, e as atividades do curso foram realizadas apenas on-line.

No plano da disciplina a professora apresentou dois instrumentos de avaliação que seria a elaboração de oficinas como uma proposta de aula onde o aluno/a deveria relacionar, observar as fontes, o livro didático e outros documentos a serem pesquisados, com criticidade sobre os conteúdos e ou temas. Na Oficina I - Agenciamentos de documentos históricos nos livros didáticos e produção de atividades de análise de documentos históricos voltadas ao ensino de História. Nessa oficina os discentes deveriam perceber através do livro didático, das fontes e documentos como indígenas e negros eram vistos na história do Brasil e/ou América. Diante dessa percepção os discentes deveriam propor uma oficina para trabalhar com os alunos esse tema de forma a leva-los entender o "esquecimento histórico" desses personagens na história oficial. Já na oficina II A Educação Histórica como embasamento teórico e metodológico para a produção de propostas de ensino a respeito das temáticas de raça e gênero, a proposta era fazer os discentes pensarem sobre as temáticas e ou temas sensíveis presentes no dia a dia da sala de aula e na vida cotidiana.

No relato dessa experiencia proposta pela professora Natália e orientada por essa autora podemos perceber várias possibilidades de avaliações no ensino à distância que qualificam de forma emancipadora, libertadora e inclusiva na formação de professores dos cursos de EAD. Paulo Freire (FREIRE, 1992) chama a atenção que um professor deve ter em mente que, mais que ensinar conteúdo, é preciso ter consciência da realidade em que nossos alunos estão inserindo. Isso deve ser compromisso de profissionais que pensam a educação como possibilidades de mudar pessoas que atuam no mundo:

“acredita que os educadores e educadoras progressistas devem ter seu trabalho fundamentado na consciência da realidade vivida pelos educandos, do seu "aqui", do seu "agora", e, jamais reduzir-se ao simples conhecer de letras, palavras e frases vazias de significado, alheias ao seu mundo. A educação sozinha não transforma o mundo, mas ajuda nessa transformação”²

3 DISCUSSÃO

Quando os discentes receberam as orientações para a realização da avaliação, levaram um susto, mesmo aqueles que já haviam feito o estágio I e II. Nesse momento a orientação da professora foi muito importante realizando aulas síncronas para explicar como deveria elaborar as oficinas e tirar as dúvidas. Como tutora participei ativamente dessas orientações e em muitos casos eles enviavam antes de postar para que eu visse se estavam “no caminho certo”

² FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996

Percebemos o quanto ainda faltava de autonomia para os alunos produzirem seus materiais de aula prática visto que nos estágios eles já recebem sugestões quase prontas para elaboração de seus planos e vários ainda não tinham realizado os estágios.

Os discentes sempre me pediam mais explicação sobre como realizar o trabalho. Mas a pergunta que mais me marcou foi: qual a diferença entre Oficina e Plano de Aula? Quando a aluna me fez essa pergunta, pedi que ela me dissesse o que era um plano de aula. Ela me respondeu conforme realizou seus planos para os estágios. Então expliquei que na oficina ela deveria fazer uma proposta de discussão aos alunos através das fontes documentais, e do livro didático, que os levassem a responder as questões presentes na vida real e não estavam descritas na história oficial. Penso que ela levou um choque, pois primeiro ela tinha que ter esse discernimento. Mas foi um lindo aprendizado.

Outro momento marcante do trabalho foi com os alunos do quinto semestre que não haviam realizado nenhuma disciplina sobre metodologia e pesquisa e nenhum estágio e, portanto, não sabiam como elaborar as oficinas. Na primeira correção do trabalho a professora Natália me chamou muito preocupada pois percebeu que estavam perdidos. Chamei os grupos dessa turma, fiz uma explicação sobre como deveriam pensar a atividade, dei exemplos concretos e eles se mostraram muito agradecidos e dispostos a refazer a atividade. Ao refazer a atividade demonstraram que haviam aprendido a proposta e na segunda oficina já realizaram sozinhos.

Esses pequenos episódios mostram que os objetivos foram alcançados, mas mais que isso ocorreu o processo de construção do conhecimento e aprendizagem. Segundo Passamai (Passamai, 2019, p 33)

“Pelo exposto, percebemos que a avaliação na EAD não busca apenas a averiguação da medida, observando que houve ou não retenção das informações, pois o conteúdo que foi trabalhado é base, suporte para que os cursistas possam problematizar o conhecimento objetivo e possam ter uma posição crítica e reflexiva daquilo que aprenderam/ vivenciaram nas disciplinas. Primeiro, porque um dos objetivos fundamentais da educação a distância deve ser obter dos alunos não a capacidade de reproduzir ideias, informações ou pontos de vista críticos proporcionados por determinado material, professor, ou, ainda, uma perspectiva crítica em frente a determinados conteúdos apenas. O que deve importar realmente para um sistema de EAD é desenvolver a autonomia crítica do aluno, diante de situações concretas”.³

Apesar da importância dessas atividades, não podemos esquecer os obstáculos que ainda precisamos enfrentar para que nossas avaliações no ensino à distância sejam produtoras de conhecimento e possam incluir cada vez mais com uma educação de qualidade. A democratização do ensino que os cursos EAD proporcionam devem pensar sempre na qualidade do ensino com formação de profissionais que façam a diferença nas suas realidades locais. Citando Freire (FREIRE, 1996; p 13) entendemos que:

“Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz”⁶⁴

³ PASSAMAI, Maria Herminia Baião. Avaliação da Aprendizagem na Educação a Distância. UFES – Vitória; 2019. p 33.

⁴ FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo:

Esse aprender e ensinar deve estar presente com mais qualidade nos cursos de EAD, pois o público desses cursos são os mais excluídos, os que não tem oportunidades de fazerem uma universidade presencial e, portanto, tem direito garantido à produção e conhecimento qualificado conforme previsto na Lei de Diretrizes e Base, capítulo 80, sobre a Educação à Distância no Brasil.

Art. 1º. Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional que busca superar limitações de espaço e tempo com a aplicação pedagógica de meios e tecnologias da informação e da comunicação e que, sem excluir atividades presenciais, organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares.

4 CONCLUSÃO

Ao encerrarmos esse relato podemos concluir que foi uma experiência de avaliação bem sucedida e aponta para novas possibilidades de instrumentos de avaliação nos cursos à distância, mas sobretudo demonstra o quanto alunos e docentes apreendem quando saem das “caixas prontas” e se arriscam na busca de novos caminhos, novas práticas. Os discentes foram orientados a guardar suas oficinas para pôr em prática quando atuarem como docentes. Esse foi para nós o primeiro passo, lento, mas produtivo. Muitos outros virão, pois existem caminhos a serem desbravados nesse universo da tecnologia dirigida por humanos. Esperamos que essa experiência sirva como base para novos caminhos, pois como dizia o poeta: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”. (Antônio Machado, poeta espanhol).

REFERÊNCIAS

FREIRE. Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, São Paulo: 1996.

LEI Nº 9.394 de 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Lei que regulamenta a educação no Brasil**. <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65> Brasília, 2025. 64 p.

PASSAMAI. M. H. B.; **Avaliação da Aprendizagem na Educação à Distância**. Universidade Federal do Espírito Santo Superintendência de Ensino a Distância, Vitória: 2019. 62 p.

REGULAMENTAÇÃO DA EAD NO BRASIL. **Artigos que tratam das leis que regulamentam a Educação à Distância**. https://nead.ufsj.edu.br/portal/images/docs/regulamentacao_brasil.pdf Paraná. NEAD. S/A. 2 p.